

EIXO: HISTÓRIAS DE VIDA, GÊNERO E DIVERSIDADES MULHERES NEGRAS E SUAS ESCRIVIVÊNCIAS

Adriana do Carmo Corrêa Gonçalves – UniRIO/UERJ – dendrikagoncalves@gmail.com

Geni de Oliveira Lima – UERJ-genilima@gmail.com

As reverberações da luta do movimento negro marcam os enfrentamentos necessários ao racismo estrutural. Esse texto tem por objetivo analisar a correlação de escritivências, destacando histórias de mulheres negras. Organizamos uma colagem a partir de diferentes escritivências, com destaque para de Carolina Maria de Jesus¹, Adriana Corrêa e Elza Corrêa. Colagem é uma técnica de composição artística que se caracteriza pela justaposição de materiais diversos, nesse caso, as escritivências, ou seja, de histórias de vida de mulheres negras.

O percurso metodológico se inspirou na colagem de escritivências, abarcamos diferentes narrativas de mulheres negras, que foram analisadas à luz do referencial teórico-conceitual que embasou as discussões do texto. Trata-se de um estudo na abordagem qualitativa, que combinou duas técnicas de coleta de dados, pesquisa bibliográfica, dos escritos da escritora negra Carolina Maria de Jesus, tendo como referência seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. E as narrativas de Elza capturadas pela entrevista semi-estruturada.

Quando escrevemos, nos inscrevemos no mundo e certamente não é uma auto-inscrição simples, principalmente quando nosso lugar de fala (RIBEIRO, 2017) está na intersecção de gênero, raça e classe social - marcadores silenciados e oprimidos pela sociedade colonial e patriarcal. Aqui, quem fala é uma mulher, negra e periférica, portanto, a escrita da auto-inscrição é a reinscrição, acompanhada da reinserção no mundo, que ocorre de modo coletivo, com as vozes plurais das mulheres da minha vida.

Histórias de mulheres constituem a colagem desse trabalho, que amalgama escritivências de mulheres negras que me antecederam, uma possibilitou minha subsistência, como minha mãe, que garantiu meu sustento físico e emocional e a outra alimentou-me a

¹ Escritora negra, neta de um cabinda. Passou parte de sua vida, catando papel na cidade de São Paulo, para sustentar seus três filhos.

escrevivência é uma escrita que

mexe com a ferida ainda aberta do racismo, que ainda é presente na vida de muitas mulheres negras; nossas escrevivências trazem dores para o texto.

Colamos escrevivências para explicitar que, o distanciamento geracional, não foi suficiente para romper definitivamente com o colonialismo e o racismo. Nossas escrevivências evidenciam que o racismo no Brasil é estrutural e estruturante de práticas e, consequentemente, condiciona nosso lugar de fala e de sobrevivência.

Racismo estrutural e escrevivências

Para Carolina, ler e escrever criaram um mundo de imaginação e fantasia, diante das dores do racismo e das desigualdades de classes. Nesse caso, entendemos que a literatura serviu para amenizar as reverberações psíquicas e sociais do racismo. E aliviar, temporariamente as dificuldades relacionadas à pobreza, por exemplo, a fome. Assim, quando escrevemos esse texto, expomos as questões que introjetamos com o racismo.

Embora, oficialmente a escravidão esteja extinta, a ausência de políticas públicas nas áreas de saúde mental, cultura, trabalho, geração de renda e inclusão ajudam a perpetuar o sistema escravocrata, acometendo muitos negros e negras que ainda sofrem os efeitos da sociedade colonial que mantém o racismo estrutural como estrutura orgânica das relações individuais e institucionais.

O racismo estrutural tem base orgânica e se enraíza nas práticas sociais, sendo responsável por manter a sujeição do povo preto. Essa tal “liberdade” não foi quantitativa e equitativamente vivida pelo povo negro. *“Eu era a mais preta da sala, as crianças me chamavam de picolé de asfalto”* (Escrevivência de Elza).

Por esse trecho da escrevivência de Elza, notamos que sofreu racismo, era chamada de picolé de asfalto na escola, pelas outras crianças, nos anos 60. Ainda no século XXI, o racismo se mantém, estruturando relações sociais na escola e marcando a vida de negras e negros. Eu também fui chamada de macaca e nega de cabelo duro na escola, na década de 90 e minha filha Anita, no início dos anos 2000, não encontrou destino diferente. Nossas escrevivências demonstram que o racismo atravessa gerações e que ainda sofremos com ele, apesar das conquistas antirracistas, como destacou: (KILOMBA, 2019).

que atravessa nossa subjetividade e fere a construção da identidade negra que se constitui num contexto de fortes ataques físicos e emocionais advindos do processo escravagista colonial-estrutural.

Diante do impacto do racismo estrutural a sociedade obriga que pretos e pretas elaborem táticas de sobrevivências, mecanismos de defesa e outras formas de proteção que só negros entendem. Quando falamos de táticas, explicitamos “manhas”, para resistir ao racismo

que dificilmente a branquitude compreende. É preciso ser negra para sentir a dor dessas escrevivências, é preciso ser chamada de negra fidida (JESUS, 2014), para sentir racismo.

Minha escrevivência da infância, revela minha intimidade com o céu. Eu e o céu estamos íntimos até hoje – desde muito pequena sempre fui cheia das caraminholas. Assim como Jesus (2014) que admirava/observava o céu, como descrito em Quarto de despejo: diário de uma favelada. E minha mãe Elza tem sua intimidade com o tempo/céu até hoje.. Para escrever sobre minha ancestralidade, pela escrevivência, toco no céu para que o tempo devolva parte das histórias partilhadas.

Ser criança negra e pobre, nas décadas de 80 e 90, sem ter quem auxilie na construção da autoestima, sem alguém para lhe falar sobre identidade, racismo estrutural, pertencimento, diversidade e estética negra era muito violento. Na década de 90, as Paquitas estavam na moda – as auxiliares e dançarinas da Xuxa. Loiras, brancas e de olhos claros. O padrão de beleza passava todos os dias em nossas vidas. As colegas que estavam próximas do biótipo das Paquitas sonhavam e brincavam de ser Paquitas; e eu ainda ousava brincar também, amarrando uma toalha no cabelo para poder “jogar o cabelão”. Com o apoio da indústria cultural, a Xuxa vivia atravancando meu caminho: a música “Quem quer pão? Eu pensava, quem não quer? Em diálogo sobre sua escrevivência, Elza lembrou outro dia: “*Estava eu aqui, lembrando, das vezes, que comemos batata doce cozida no café da manhã, só porque eu não tinha dinheiro para comprar pão.*”

O café da manhã nem sempre era possível, por muitas vezes foi preocupação da minha mãe e de Carolina Maria de Jesus, que precisava catar papel na grande São Paulo para garantir, algum alimento para os filhos, como descreveu em vários trechos do livro quarto de despejo: diário de uma favelada.

embrulhava. Cansei de aproveitar esse papel para fazer exercícios da escola; assim economizava as folhas de caderno, para que durasse um tempo maior. Material escolar, para minha mãe, tinha um valor muito alto, os comprava com o trabalho árduo de muitas diárias em casas de mulheres brancas. “Ahhh, tem coisas boas também. Tem as casas de famílias que eu trabalhei. Aprendi a fazer limpeza, aprendi tudo, ganhei muitas coisas das minhas patroas. A única patroa ruim foi a condessa de lá de Copacabana, mulher miserável, era irmã de um ministro (Escrevivência de Elza).

Numa sociedade racista, a pretitude silencia parte dos sonhos de muitas crianças de pele não branca, principalmente no contexto escolar. *Eu sempre tive educação, eu era braba, mas tinha educação. Só ficava braba mesmo, quando me chamavam de Elza Soares, picolé de asfalto e picolé de pinchê, pois eu era a mais preta da sala mesmo. Eu metia a porrada*” (Escrevivência de Elza). Por essa parte da vida de Elza, compreendemos que ser braba foi a estratégia/manha encontrada para defender sua identidade e revidar o racismo que recebia.

Quando o Brasil nega o racismo, nega também nossa existência como negras e negros, ignorando nossas dores e violências raciais. Sendo assim as escrevivências sangram e contam que, apesar das resistências e das lutas, o Brasil é um país racista.

Considerações finais

É importante deixar registrado que essa escrita, que se forma pela exposição consciente da história de mulheres negras acarreta dores, pois toca na ferida do racismo, ocasionada pelo colonialismo que se prolonga no presente. “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada, uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra” (KILOMBA, 2019).

Negros e negras constituem sua identidade num contexto que fere a formação de sua subjetividade, pois desde a mais tenra idade, ouvimos, assistimos e sentimos que carregamos em nosso fenótipo tudo que é demonizado pelo colonialismo. A escrevivência representa resistência e se expressa como uma ação antirracista. Mulheres negras insurgem por sua escrita, descutando as dimensões de um racismo histórico, institucionalmente silenciado por muitos anos. E, toda luta contra o racismo carrega uma dor. Não é fácil escrever sobre o racismo cotidiano.

Referências

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. - 10 ed. – São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada - 1968. **Memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano**. tradução Jess Oliveira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Ribeiro D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).